

portomar@atribuna.com.br

Porto & Mar

Pesquisa aborda as mudanças do trabalho no cais santista

DA REDAÇÃO

As mudanças da atividade portuária e os impactos dessas transformações na vida e na saúde dos trabalhadores do Porto de Santos foram alvo de uma pesquisa do Campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O levantamento, realizado entre 2008 e 2011 deu origem ao livro Porto de Santos - Saúde e Trabalho em Tempos de Modernização, organizado pelas professoras Maria de Fátima Queiróz, Rosana Machin e Marcia Thereza Couto. A publicação será lançada, em breve, na Cidade.

No total, 453 trabalhadores portuários avulsos (TPA) - estivadores, conferentes, consertadores, vigias, guindasteiros e trabalhadores do bloco, entre outros profissionais, foram entrevistados por cerca de 20 pesquisadores de campo. A universidade garante que teve o apoio do Órgão Gestor de Mão de Obra (Ogmo), apesar da negativa da entidade, que afirma não ter conhecimento sobre dados da pesquisa.

Segundo as pesquisadoras, com as mudanças das operações portuárias, os problemas de saúde associados às formas de embarque e desembarque tradicionais permaneceram. Outros ainda foram agregados com a modernização do trabalho e o uso de novas tecnologias.

Para as pesquisadoras, três eventos importantes a partir da lei nº 8630, a antiga Lei dos Portos, podem ter influenciado o adoecimento dos trabalhadores. A redução do número de TPA, a interferência de um ór-

Entrevistas

Pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) desenvolveram um questionário com 147 questões, que foi respondido por 453 trabalhadores, entre estivadores, capatazia, conferentes de carga, vigias, consertadores e trabalhadores do bloco. Destes 74,6% eram registrados e 25,4% eram cadastrados; 59,8% na faixa etária de 36 a 50 anos e 62,9% trabalham no Porto de Santos entre 16 a 30 anos. Segundo os organizadores da publicação, algumas entrevistas foram agendadas e ocorreram na própria universidade. Já outras foram realizadas nos postos de escalção 1, 2 e 3 do Órgão Gestor de Mão de Obra (Ogmo), além da sede do Sindicato dos Conferentes de Carga.

gão externo, o Ogmo, e a mudança nas características físicas dos equipamentos, das cargas e do ritmo de trabalho podem ser esses fatores.

ADOECIMENTO

Na pesquisa, 18,4% dos entrevistados apresentam indicação de fadiga generalizada e, entre estes, 18,8% relatam fadiga crônica. Em relação aos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, 43% apresentaram dor, desconforto ou dormência na região cervical nos últimos 12 meses. Já para os casos de problemas na região

lombar, o índice é de 63,2%.

A indicação de relação das dores e desconfortos com o trabalho é de 47,1%, dos que relatam dor cervical, e 58,3%, daqueles com dor lombar. Outros 47% afirmaram a ocorrência de acidente ou doença do trabalho no "decorrer de sua vida portuária".

A pesquisa apontou que cerca de 25% dos TPA afirmaram ter usado crack ou cocaína e 34%, maconha. Além disso, identificou que 88% já consumiram bebidas alcoólicas. A informação desagradou sindicalistas, que questionaram os resultados.

Para as pesquisadoras, é imprescindível o envolvimento das áreas da saúde e da segurança do trabalho de todas as instituições e empresas envolvidas com o trabalho portuário. A ideia é acompanhar os TPA, para que esses dados sejam analisados como efeitos do trabalho, não culpando o trabalhador.

"A questão de acidentes de trabalho e uso de álcool e drogas é um problema de saúde coletiva, presente não só na categoria de trabalhadores portuários, mas em todas as categorias de trabalho. Portanto uma ação sobre esta problemática tem que ser realizada em um esforço inter e intrainstitucionais. Um primeiro passo deve ser conhecer a magnitude do problema em questão, e as reais condições de trabalho, além de sua atuação como fator determinante de acidentes e uso de álcool e drogas, para direcionamento das ações a serem desenvolvidas".